

## **DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO: PANORAMA HISTÓRICO DA CONDIÇÃO DE IGUALDADE DA MULHER NA SOCIEDADE E NA ECONOMIA PRIMITIVA**

**Gilmara Rodrigues Leite**

Graduanda do Curso de Administração da Faculdade Metropolitana São Carlos  
(FAMESC),  
[gil.s2.mara@gmail.com](mailto:gil.s2.mara@gmail.com)

**Luiza Sant'ana Vargas Figueiredo**

Graduanda do Curso de Administração da Faculdade Metropolitana São Carlos  
(FAMESC), [luizavargas24@gmail.com](mailto:luizavargas24@gmail.com)

**Juliana da Silva Gomes**

Especialista *lato sensu* em Direito Público pela Faculdade Metropolitana São Carlos  
(FAMESC), [gomesju@hotmail.com](mailto:gomesju@hotmail.com)

**Neuza Maria de Siqueira Nunes**

Mestra em Economia Empresarial, Professora da Faculdade Metropolitana São Carlos -  
(FAMESC),  
[neuzamsnunes@gmail.com](mailto:neuzamsnunes@gmail.com)

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo descrever a origem do processo de desigualdade de gênero e como essas relações, ao longo da história, afetaram os rumos da divisão sexual do trabalho. Para a compreensão desse processo, foi necessário retratar as relações sociais dos povos primitivos a fim de elucidar os mitos que atribuíram à mulher a condição de inferioridade. Na pré-história muitos conhecimentos técnicos indispensáveis ao progresso humano e social foram desenvolvidos de forma primitiva pelas mulheres, principalmente, devido ao fato de que a organização da sociedade proporcionava ao gênero feminino uma grande responsabilidade no âmbito econômico ao ponto de não haver maior valorização entre trabalho exercido por mulher ou por homem.

**Palavras-chave:** gênero; igualdade; sociedade.

**Abstract:** This paper aims to describe the origin of the process of gender inequality and how these relations, throughout history, have affected the direction of the sexual division of labor. To understand this process, it was necessary to portray the social relations of the primitive peoples in order to elucidate the myths that attributed to the woman the condition of inferiority. In prehistory, many technical knowledge indispensable to human and social progress were developed primitively by women, mainly due to the fact that the organization of society provided the feminine gender with a great responsibility in the economic sphere to the point of not having a higher value among work done by women or men.

**Keywords:** genre; equality; society.

## **1 INTRODUÇÃO**

As mulheres representam a maior parte da população brasileira. De acordo com a última PNAD divulgada em 2014 pelo IBGE, a diferença entre a população feminina e masculina vem aumentando consideravelmente quando comparado aos anos anteriores. Ainda, segundo a mesma pesquisa, constatou-se que o gênero feminino, apesar de estar à frente quando o assunto é população, fica atrás nas estatísticas tratando-se de remuneração, chegando a receber, em média 74,5% do rendimento dos homens.

A mulher sempre foi objeto de repressão durante a história. Isso reflete, na atual conjuntura, a grande desigualdade protagonizada pela mesma, principalmente no âmbito econômico. Mediante o contexto nos dias atuais surgiu o conceito de economia feminista, que se torna fundamental para o engajamento e a mobilização da sociedade diante desse panorama desequilibrado.

A partir desse cenário, busca-se respostas para as seguintes questões: quais fatores contribuíram para a desigualdade na divisão sexual do trabalho? Como o olhar feminista para um conceito moderno de economia pode, através de muita luta, transformar as estatísticas?

A fim de constatar tais hipóteses, pretende-se, neste artigo, apontar os eventos históricos que proporcionaram as mulheres posições inferiores relacionadas à divisão sexual do trabalho e, por fim, trazer à tona reflexões sobre a teoria da economia feminista de maneira a contribuir na luta pela igualdade e autonomia das mulheres.

A exploração do tema, além de possibilitar a compreensão do panorama machista que é vivenciado desde os primórdios, também é importante para a verificação da distribuição do trabalho masculino e feminino nas incumbências e profissões, como também, das dissemelhanças no tempo e espaço dessa organização.

## **2 A RAIZ SOCIAL DA DESIGUALDADE DE GÊNEROS**

Quando se busca compreender o papel da mulher na sociedade, faz-se necessário voltar no tempo desde os primórdios, destacando a formação do sujeito, dos grupos nos quais estava inserida e das classes sociais as quais pertenceu. Neste contexto, a perspectiva histórica é de fundamental relevância para a compreensão dos fatos que promoveram o gênero feminino à realidade atual e a sua

evolução até então.

Aprofundando no tema além de sua superficialidade, é possível perceber que ideais tirados do senso comum não são suficientes para explicar os fatores que atribuíram à mulher a condição inferior. Por muito tempo, utilizaram-se como exemplo o caráter biológico para imputar esse *status* ao gênero feminino. Em sua obra, *Sexo Contra Sexo ou Classe Contra Classe*, Evelyn Reed fez um questionamento sobre o estado de subordinação imposto à mulher pela sociedade:

Afirma-se [...] que as mulheres são socialmente inferiores, porque são naturalmente inferiores aos homens. E qual a prova disso? Que as mulheres são mães. Afirma-se que a natureza condenou o sexo feminino a uma posição inferior. (REED, 2008, p.58)

Para a autora Reed (2008), a realidade histórica da desigualdade de gêneros é produto de um sistema social que, além de, ter proporcionado diversas desigualdades entre homem e mulher promoveu o mito da inferioridade feminina. De acordo com esse mito, a subordinação feminina não se trata de um fenômeno social característico de um determinado momento histórico, e sim de uma lei de âmbito natural. (REED, 2008, p. 58)

Para chegar ao cerne da questão é preciso entender o processo de construção das representações da identidade dos gêneros. De acordo com Alambert (2004 *apud* Januário, 2016, p. 80), feminista brasileira, no período da pré-história, os papéis do homem e da mulher na sociedade eram equilibrados, sem relevância desproporcional para ambos. A agricultura era a principal atividade econômica do período e a maternidade na mulher era vista como algo mágico, com a sua fecundidade associada à fertilidade da terra.

Pouco se sabe sobre essa sociedade, aparentemente utópica, que esteve presente na pré-história. Segundo Alambert (2004 *apud* Januário, 2016, p. 80), provavelmente porque os homens modernos, escritores da história que se conhece, desconsideraram as contribuições femininas e não focaram suas pesquisas na participação da mulher na sociedade pré-histórica. Sobre isso, a autora complementa:

Na aurora da humanidade não podemos falar na existência de desigualdades entre o homem e a mulher. Naquele tempo, não existiam povos, nem Estados separados; os seres humanos viviam em pequenos grupos (hordas) e, depois em famílias e tribos. [...] os seres humanos tinham que se manter agregados, solidários entre si,

para sobreviver e se defender dos animais ferozes e das intempéries. Quem se marginalizava percia. Logo, não havia uma superioridade cultural entre homens e mulheres. (ALAMBERT, 2004 *apud* JANUÁRIO, 2016, p. 80)

A carência de informações sobre a transformação da mulher no tempo histórico é um grande empecilho. No entanto, utilizando-se das palavras de Reed (2008) é possível afirmar que, “tal coisa é muito útil para que a mulher se mantenha ignorante e submissa aos mitos que se propagam a sua volta” (REED, 2008, p. 21). O gênero feminino, em sua maioria, ainda não está ciente de que o problema da desigualdade que se enfrenta na modernidade originou-se com a instauração da sociedade de classes, que deu fim as relações de igualdade vivenciadas no período da pré-história.

A grande predominância do gênero masculino teve início com as transformações na estrutura da sociedade. No tempo em que as mulheres preservaram a coletividade, conseguiram manter um sistema social igualitário. Todavia, com o surgimento de um novo sistema de propriedade privada, de um novo conceito de família e com o matrimônio monogâmico, a mulher se dispersou passando a viver isoladamente.

Enquanto estavam unidas, representavam uma grande força social. Separadas e isoladas umas das outras, e confinadas à cozinha e à educação dos filhos, perderam todo o seu poder. Este processo histórico, foi entretanto negado e obscurecido por aqueles que desejam manter os mitos e defendem a existência eterna da instituição matrimonial e da família. (REED, 2008, p. 41)

Segundo Reed (2008), a injusta relação de desigualdade entre os sexos já se perpetua por aproximadamente dois mil anos, perpassando através dos três principais períodos da história: escravagismo, feudalismo e o capitalismo.

Nos tempos modernos as consequências da desigualdade de gênero no mercado de trabalhos ainda são incontestáveis, mas segundo pesquisas de Hirata (2001), a globalização teve impacto desproporcional no que se considera emprego masculino e feminino, principalmente a partir do final do século XX.

Segundo ela, desde essa data, a participação da mulher no mercado de trabalho cresceu tanto em empregos formais, como informais, como também no setor de serviços. No entanto, a maior participação das mulheres refletiu em empregos precários e vulneráveis. Indo mais além, Hirata (2001) ainda afirmou ser este um dos paradoxos da globalização, houve o aumento da oportunidade para

inserção feminina no mercado de trabalho, contudo, com o ônus da precarização e vulnerabilidade. Ou seja, problemas como desigualdades de salários e condições de trabalho ainda são impasses enfrentados desde a instauração da sociedade de classes (HIRATA, 2001, p.144).

Os efeitos da desigualdade ainda são muito perceptíveis na sociedade moderna, mas se comparada aos tempos antigos, a mulher do século XXI está muito mais ativa e engajada na busca por uma sociedade igualitária.

### **3 HISTÓRICO DA MULHER ATRAVÉS DA ECONOMIA**

Ao contrário do que se pensa a mulher também já teve um papel equivalente ao homem no panorama econômico, e não diferente do âmbito social, fato também ocorrido durante a pré-história. Atualmente, vários empecilhos contribuem para a situação desigual que o gênero feminino enfrenta no mercado de trabalho, mesmo que, diacronicamente falando, o quadro venha sofrendo mudanças notórias.

Existia uma predominância feminina na sociedade antiga, onde a mulher desfrutava de total liberdade sexual. Com as relações sexuais livres, a determinação da paternidade não era uma preocupação. Para Reed (2008), a questão abrangeu muito mais que o tema igualdade de gênero, como também, o conceito diferente que se tem de família nos tempos atuais.

A mulher da época selvagem dava à luz seus filhos e continuava livre, independente, e representava o centro da vida social e cultural. Isto vai de encontro a um ponto muito doloroso, porque afeta não somente a “questão feminina” como também a “sagrada família” (REED, 2008, p. 34)

Ao ocupar determinadas funções, como por exemplo, caça, guerras e conquistas, o gênero masculino no período em questão, estava ausente no que tange às práticas mais importantes e essenciais para manutenção da comunidade em todos os seus âmbitos. Isto necessária e obrigatoriamente foi feita pelas mulheres, oferecendo a elas um papel de predominância e respeito que paradoxalmente não é mostrado nos dias atuais.

A liberdade proporcionava um claro poder nas mãos do gênero feminino. A explicação reside no simples fato de que sua função como mãe, e não simplesmente progenitora, levou à mulher a desempenhar um importante papel no processo produtivo em práticas extremamente relevantes para vida social. Pode parecer antagônico, mas a própria autora questiona “então como pode aquilo que

consideramos a mais grave desvantagem da mulher, ou seja, sua função materna pode dar lugar a uma posição preeminente nas sociedades primitivas”. (REED, 2008, p. 37).

Se na antiguidade a maternidade proporcionou a mulher função relevante no processo produtivo, na era moderna, tornou-se uma das principais barreiras, principalmente quando se trata da inserção da mulher no mercado de trabalho. Os filhos são um grande desafio para a mulher que atua no mercado de trabalho na era do patriarcalismo, principalmente pela errônea atribuição de vocação que lhe recai.

Sobre a questão da maternidade, Reed (2008) encontrou esclarecimento em Robert Briffault, especificamente, em sua obra denominada *As mães*, de 1927, onde ele descreveu o motivo da maternidade em garantir uma posição privilegiada a mulher naquela época, atualmente sabe-se que ocorre o contrário. Interpretando o estudo de Briffault, a autora reconta:

Briffault demonstrou que as mulheres haviam adquirido sua posição privilegiada na sociedade primitiva não só por serem procriadoras, mas porque como resultado desta função específica haviam se convertido nas primeiras produtoras de gêneros essenciais para viver. Em outras palavras, em determinado ponto da luta pela sobrevivência e por nutrir e cuidar das crianças, começaram a empreender o caminho da atividade produtiva, e esta nova função deu-lhes a capacidade de organizar e dirigir as primeiras formas de vida social (REED, 2008, p. 37)

Buscando várias outras fontes, Reed (2008) conseguiu descrever com detalhes o papel exercido pela mulher na economia no período da pré-história. De acordo com a autora, conhecimentos técnicos indispensáveis ao progresso humano e social, passando da simples colheita de frutos à horticultura até chegar na agricultura foram desenvolvidos de forma primitiva pelas mulheres nessa época. Indo mais além, praticavam a tecelagem, cerâmica, a curtição de peles e até mesmo a construções de habitações. O gênero feminino, inclusive, empreendeu de forma rudimentar o desenvolvimento da medicina e da química.

De forma resumida, as mulheres foram pioneiras nos trabalhos agrícolas e expandiram suas habilidades graças às diversas atividades que exerciam, sendo importantes inclusive na educação. Em função do exposto acima, as mulheres eram de essencial importância, pois eram elas que passavam os conhecimentos adquiridos para outras gerações (REED, 2008, p.38).

A necessidade da evolução dos modelos econômicos dos meios de produção

da sociedade primitiva foi crucial para dar fim à condição utópica que viveram as mulheres da pré-história. Segundo Januário (2016), inserido nas ideias de Heleieth Saffioti, “a substituição da enxada primitiva, usada pela mulher, pelo arado seria uma das motivações para o início do patriarcado”. Junto com essa ferramenta surgiu a necessidade da força masculina, que a partir de então passou a controlar os meios da produção. (JANUÁRIO, 2016, p. 81)

Com o decorrer do tempo o aumento da participação feminina na procura por emprego e ocupação ocorreu no período pós-guerra. Após a Segunda Guerra Mundial, as mulheres entraram maciçamente no mercado de trabalho. Soares e Izaki (2002) investigaram a participação feminina no mercado de trabalho, no período 1977 a 2001, enfatizando que embora tenha aumentado a participação feminina o salário não acompanhou esse aumento.

Para Nunes (2011), o mercado de trabalho também gera desigualdade quando remunera de forma diferenciada homens e mulheres de mesma produtividade. Os diferenciais decorrem de discriminação no mercado de trabalho tanto por gênero quanto por segmentação, seja por tipo de inserção no mercado, por região e por setor de atividade.

## **CONCLUSÃO**

Ao relatar a questão das diferenças de gênero no mercado de trabalho seguindo ideias de estudiosos de correntes feministas acredita-se na desigualdade como um constructo social. Usando como exemplo relatos que descrevem a sociedade primitiva, percebeu-se que houve determinada época em que não existia estereotipação de valores do trabalho masculino e feminino. Assim, pôde-se certificar que a questão da desigualdade entre a valorização dos serviços de sexo masculino e feminino está intimamente ligada a uma questão social que atravessa a história durante séculos, e não apenas a uma condição biológica, como se difunde atualmente.

No período da pré-história, a mulher primitiva contribuiu para o desenvolvimento de várias atividades econômicas e de várias ciências, fato que é pouco conhecido. Divulgar o relevante papel que o gênero feminino exerceu nessa época em posição de igualdade ao gênero masculino é de grande relevância para desmistificar a visão machista que se atribui a divisão sexual do trabalho. Dessa

forma, percebeu-se ser necessário desfazer os mitos que subjagam a mulher e que se apoiam ao fato de atribuir a inferioridade feminina como uma ordem natural, associando essa questão, principalmente, a condição materna.

Apesar de parecer utópico, acredita-se que algum dia será possível viver em uma sociedade onde as funções das mulheres serão tão valorizadas quanto às dos homens, sendo um primeiro passo para a construção de uma sociedade idealista e igualitária.

## REFERÊNCIAS

HIRATA, Helena. **Globalização e Divisão Sexual do Trabalho**. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332002000100006&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332002000100006&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 30 abr. 2017.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. **Masculinidades em (Re)construção: Gênero, Corpo e Publicidade**. Portugal: Editora Labcom, 2016.

KERGOAT, Danièle. **Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais de Sexo**. Ed. Presses Universitaires de France. Paris, novembro de 2000. Traduzido por Miriam Nobre em agosto de 2003.

NUNES, Neuza Maria de Siqueira. **O impacto da educação em diferenciais de rendimento do trabalho**. Dissertação de Mestrado, UCAM. Rio de Janeiro, 2011.

PORTAL BRASIL. **Mulheres são maioria da população e ocupam mais espaço no mercado de trabalho**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/03/mulheres-sao-maioria-da-populacao-e-ocupam-mais-espaco-no-mercado-de-trabalho> Acesso em: 30 abr. 2017.

REED, Evelyn. **Sexo Contra Sexo ou Classe Contra Classe**. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

SOARES, Sergei; IZAKI, Rejane Sayuri. **A participação feminina no mercado de trabalho**. Rio de Janeiro: Ipea, Texto para Discussão 923, 2002.